



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

RICARDO JULIO BARBOSA BARROS

Guardiões da Memória: Transmissão e legado ancestral da tradição de rezadores e benzedores da Paraíba

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

RICARDO JULIO BARBOSA BARROS

Guardiões da Memória: Transmissão e legado ancestral da tradição de rezadores e benzedores da Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Ciências Biológicas na modalidade de licenciatura.

Área de Concentração: Etnociência

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Érica Caldas S. de Oliveira

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277t Barros, Ricardo Julio Barbosa.

Guardiões da Memória: Transmissão e legado ancestral da tradição de rezadores e benzedores da Paraíba [manuscrito] / Ricardo Julio Barbosa Barros. - 2021.

17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Érica Caldas S. de Oliveira ,
Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."

1. Memória cultural. 2. Etnociência. 3. Saberes da tradição.
4. Usos e costumes. 5. Oralidade. I. Título

21. ed. CDD 200.71

RICARDO JULIO BARBOSA BARROS

Guardiões da Memória: Transmissão e legado ancestral da tradição de rezadores e benzedores da Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Ciências Biológicas na modalidade de licenciatura.

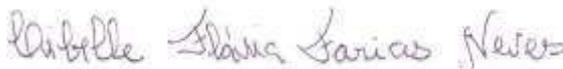
Área de Concentração: Etnociência

Aprovado em: 27/05/2021.

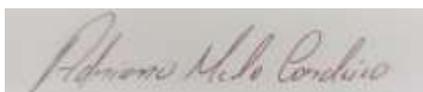
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Érica Caldas S. de Oliveira
UEPB/CCBS/DB/CAMPUS I
Orientadora



Prof.^a Especialista – Cibelle Flávia F. Neves
UEPB/CCBS/DB/CAMPUS I
Examinadora



Prof. Me. Adriano Melo Cordeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
UEPB/CCBS/DB/CAMPUS I
Examinador

A todos que disseram ou pensaram que eu não conseguiria, DEDICO.

“Eu aprendi que se depende de tanta diferente gente... toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de tantas outras pessoas”

Gonzaguinha

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO... ..	8
2.1	Os saberes dos Guardiões da Memória: Uma breve abordagem.....	8
2.2	Uma volta ao passado: Revendo o legado de benzedeiiras e benzedores.....	10
3	METODOLOGIA.....	11
3.1	Área de Estudo.....	11
3.2	População	12
3.3	Tipo de Pesquisa.	12
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
	REFERÊNCIAS.	15

Guardiões da Memória: Transmissão e legado ancestral da tradição de rezadores e benzedores da Paraíba

Guardians of Memory: Transmission and ancestral legacy of the tradition of prayers and beneficers in the Paraíba

Ricardo Júlio Barbosa Barros¹

RESUMO

Saberes da tradição são um legado do patrimônio imaterial dos povos e constituem um aspecto cultural importante para estudos que podem revelar os valores, costumes e identidades de um lugar e de seu povo. Pesquisas que busquem investigar os meios através dos quais as pessoas vivenciam e percebem suas tradições e como seus costumes são transmitidos as gerações futuras, se revelam importantes para a construção de uma herança cultural. Este estudo teve como principal objetivo analisar as práticas de rezas e benzeduras exercidas por rezadores e rezadoras que vivem no estado da Paraíba tomando como fio condutor os meios pelos quais esses especialistas locais apreendem seus ofícios de rezador (a), através de que caminhos se dá a transmissão dos saberes e como estas pessoas se constituem em guardiões da memória cultural de suas comunidades, pelas expressões religiosas associadas aos mesmos. O estudo foi realizado em municípios do estado da Paraíba, localizados nas mesorregiões do agreste, borborema e sertão. Através de entrevistas livres e questionários semiestruturados foram entrevistados benzedoras e benzedores com mais de vinte anos no ofício de rezas e benzeduras. Dos resultados encontrados observam-se que as benzedoras e rezadores são pessoas idosas e que o conhecimento sobre rezas e benzedura se dá principalmente por transmissão oral entre familiares, normalmente de gênero oposto ao que ensinou e que entre os familiares as mães são as que mais transmitem esses saberes (24%). A figura dos benzedores nas comunidades estudadas lhe confere um status de guardiões dos ritos e costumes de práticas de curas entre os membros das comunidades.

Palavras-chave: Memória cultural. Etnociência. Saberes da tradição.

ABSTRACT

Traditional knowledge is a legacy of the people's intangible heritage and constitutes an important cultural aspect for studies that can reveal the values, customs and identities of a place and its people. Research that seeks to investigate the means by which people experience and perceive their traditions and how their customs are passed on to future generations, are important for the construction of a cultural heritage. This study had as main objective to analyze the practices of prayers and blessings practiced by prayers and prayers who live in the state of Paraíba taking as a guiding thread the means by which these local specialists learn their prayers (a). Through which paths it takes the transmission of knowledge and how these people are guardians of the cultural memory of their communities, through the religious expressions associated with them. The study was carried out in municipalities in the state of Paraíba, located

¹ Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ricardo.barros@aluno.uepb.edu.br

in the mesoregions of the “agreste”, “borborema” and “sertão”. Through free interviews and semi-structured questionnaires, healers and blessers with more than twenty years in the profession of prayers and blessings were interviewed. From the results found, it can be observed that the healers and prayers are elderly people and that the knowledge about prayers and blessings is mainly through oral transmission between family members, usually of the opposite gender to the one taught and that among the family members mothers are the ones who transmit the most, this knowledge (24%). The figure of the blessers in the communities studied gives him a status of guardians of the rites and customs of healing practices among the members of the communities.

Keywords: Cultural memory. Ethnoscience. Knowledge of tradition.

1 INTRODUÇÃO

O contar história é um fenômeno social e os relatos de vida podem dar conta de fenômenos sociais por gerarem informações relevantes sobre eles, destacando aqui seus valores culturais, na perspectiva de compreender como as pessoas narram, significam e situam suas histórias no momento presente, como forma de integrar passado, presente e futuro. A narrativa busca informações na memória, da mesma forma que a memória é formada por narrativas (CAIXETA, 2006).

Ainda de acordo com Caixeta *op cit.*, memória tem a ver com tempo e conhecimento e segundo Chauí (1999), existem seis tipos de memória: a de *reconhecimento; hábito; pessoal; social; biológica e artificial*. Guardar as memórias de uma sociedade estabelece elos entre as gerações, possibilitando um legado histórico que pode se dar por meios escritos e pela oralidade.

A voz como destaca Vansina, era e ainda o é, o meio que homens e mulheres utilizam para reproduzir suas memórias, o autor destaca que:

“Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação de sabedoria dos ancestrais, veneradas no que poderíamos chamar de elocuições-chaves, isto é a tradição oral. A tradição, pode ser definida, de fato, como testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 2010).

Oliveira e Farias (2019), em estudos realizados com estudantes do ensino fundamental, em Luanda, Angola, destacam a relevância da transmissão oral entre os povos africanos e a valorização dessa forma de transmissão de saberes por esses povos. Esses autores revelam que: “A tradição oral provoca um encanto sobre aqueles que se aventuram nessa senda, pois esta revela um mundo a ser descoberto através da fala. Há um mundo de histórias na fala” (OLIVEIRA; FARIAS, 2019).

A fala é em si o elemento através do qual a humanidade construiu e constrói seus saberes, todo um legado histórico se legitima também pelas expressões narradas pelos contadores (as) de histórias. Em suas comunidades essas pessoas vão se transformando ao longo e ao largo do tempo em guardiões, guardiãs de memória. Para além de suas falas esses guardiões registram os valores, costumes, culturas de seus comuns. Através dos tempos e essencialmente pela oralidade, esses homens e mulheres vão narrando suas histórias, produzindo um legado e deixando um registro ancestral, um olhar do passado para o presente, criando as figuras ancestrais, como a identidade de um povo, figuras importantes em suas comunidades, normalmente, as pessoas mais idosas e que acumularam saberes sobre a natureza, valores sociais comuns aos grupos, valores culturais, morais, são os conselheiros em seus grupos.

Todos esses aspectos expressos nas comunidades, principalmente as tradicionais, nas

figuras de pagés, xamãs, líderes comunitários, curandeiros, criôs, conselheiros administrativos, entre outros, escolhidos entre os membros dos grupos, que guardam suas memórias e as transmitem as gerações futuras, constroem uma ancestralidade relevante para seus povos (CAIXETA, 2006; OLIVEIRA; FARIA; 2019).

Nesse contexto, a figura do rezador(a) é marcada pela transmissão de saberes através da oralidade, principalmente. Seus ritos, gestos, cantos, ladainhas, rezas, são saberes em sua essência transmitidos oralmente e esses especialistas se transformam, ao longo do tempo, na memória viva das tradições de seus povos.

O sincretismo religioso e a interação entre diferentes culturas abriram as portas de uma religiosidade múltipla, reagrupada de acordo com Sanchi (2001) em subcampos que se aproximam ou se distanciam, configurando-se para a realidade brasileira como expressões do cristianismo católico e do universo das religiões de matrizes africanas. Contudo, Brandão em 1986 *apud* Cunha e Assunção (2017) vai dizer que estes *habitus* populares sofrem influências do trabalho cultural e religioso de grupos eclesiais, agentes ibéricos, afro-brasileiros e mais recentemente de espíritas.

A evolução social do povo brasileiro, cuja formação ao longo da história caracteriza-se por uma forte diversidade cultural, contribuiu de maneira significativa para a construção desta vasta herança, representada em múltiplos elementos da cultura nacional, rico legado histórico e memória imaterial ainda marcante nas sociedades atuais. Face a esses cenários, os rituais de rezas e benzeduras se inserem como práticas alternativas de tratamento de problemas físicos e espirituais, fortemente presentes na medicina popular em algumas regiões do Brasil, com especial referência para o Nordeste brasileiro (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; OLIVEIRA, 1983).

O ofício de rezadeira encontra-se vinculado ao conjunto de práticas culturais dentro do catolicismo popular, muitas vezes ignorado pelo clero oficial (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; SANTOS, 2009). Contudo, através de súplicas e rezas por vezes inaudíveis, as rezadeiras atravessaram os tempos balançando seus ramos, costurando seus tecidos, amarrando seus cordões, afastando os males do corpo e da alma que afligem aqueles que as procuram.

A figura do rezador, em muitos mosaicos culturais brasileiros, revela o quanto esses povos encontram-se envolvidos com rituais que representam o universo do sagrado e do simbólico, e através dos sentidos atribuídos às situações e aos símbolos que o cercam, os atores sociais constroem seu mundo social, suas identidades culturais. (QUEIROZ, 1980; QUINTANA, 1999).

Rituais de rezas e benzeduras encontram-se associados quase sempre ao gênero feminino e são apreendidos através de ensinamentos passados na maioria das vezes por familiares (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; SILVEIRA; ALBUQUERQUE, 2015). Autores como Câmara Cascudo (2001) e Quintana (1999) registram em suas pesquisas que as rezadeiras, em geral, são mulheres com idade avançada e é justamente esse fato que lhes confere credibilidade no ofício da reza. Para poder obter um reconhecimento social, estas terapeutas devem ter uma idade que garanta, ao seu grupo, um certo saber, devem ser a voz da experiência. Mesmo em casos onde a aptidão para a reza se manifeste antecipadamente, o verdadeiro reconhecimento por parte da comunidade só virá com o aumento da idade (QUINTANA, 1999).

Com base no que foi exposto e tomando como eixo norteador os saberes da tradição em estudos etnociêntíficos, essa pesquisa objetiva analisar os modos de transmissão e apreensão dos conhecimentos guardados por rezadores e rezadoras, construindo um legado histórico e cultural importante do povo brasileiro, notadamente, o nordestino.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Saber dos Guardiões da Memória: Uma breve abordagem

De acordo com Almeida e Miranda (2015), os mestres griôs são considerados os guardiões da memória e da história oral do povo, pois eles têm como função primordial transmitir e receber os ensinamentos ancestrais daquela comunidade a cada geração. É por meio das histórias dos antepassados contadas por esses anciões que os indivíduos se reconhecem (ALMEIDA; MIRANDA, 2015). Ademais, conforme Bastos (2009) *apud* Almeida e Miranda (2015), devido a transmissão dessas memórias é possível reconstruir o passado de forma a orientar o presente e o futuro. Para a Rede Ação Griô Nacional, o griô é:

“[...] todo (a) cidadão (ã) que se reconheça e seja reconhecido (a) pela sua própria comunidade como herdeiro (a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo”. (REDE AÇÃO GRIÔ NACIONAL, 2012).

Conforme os escritos de Lazaneo *et al.*, (2016, p. 249) *apud* Santos e Mucheroni (2019) “O saber do Mestre Griô é um nome-síntese de trajetórias agregadoras, múltiplas, híbridas, mestiças e inovadoras do povo brasileiro. O saber do Mestre Griô não representa uma unidade cultural, ao contrário, expressa a diversidade de um povo que aprendeu a construir sua identidade com o Outro”. Diante disso:

“O saber dos mestres não é simplesmente uma voz elaborando uma performance, mas um saber corporal, visual, sonoro e verbal que espirala a cultura. É a metáfora da abertura da brasilidade ao mundo e o simbólico da necessidade de inserção das culturas orais na educação. O saber do Griô é definido pela historicidade das trilhas e caminhos, que agem como transveredas culturais e é levado pelo desejo de compartilhar suas narrativas, promovendo o encontro com outras histórias e compondo um verdadeiro conhecimento partilhado. O saber do Mestre Griô é rede, laços que sobrepõem nações, culturas, corporeidades e que tem muito que colaborar na educação e na cidadania brasileiras”. (LAZANEO *et al.*, 2016, p.254-55 *apud* SANTOS; MUCHERONI, 2019)

Para que ocorra a formação e a reconstrução da identidade de um povo de maneira adequada é necessário a participação ativa da história oral e da memória na comunidade (SANTOS; MUCHERONI, 2019). Na cultura africana, por exemplo, os guardiões da memória são muito valorizados e cultuados. Em períodos de guerras, os velhos griôs não participavam das lutas, pois caso morressem, a comunidade não perdia apenas mais um soldado africano, mas toda a história da sua cultura (SANTOS; MUCHERONI, 2019). Além disso, ainda de acordo com esses autores, quando esses líderes morriam “em algumas regiões da África Ocidental, os Mestres Griôs ao morrerem eram ‘enterrados’ no interior das árvores (Baobá, por exemplo), para que suas narrativas continuassem a fertilizar a cultura, assim como as folhas de uma árvore fazem com o seu entorno”.

Nesse sentido, Santos e Mucheroni (2019), afirmam que:

“Os reflexos da ‘crise da memória’ geraram rupturas entre as vivências individuais e o legado cultural construído e acumulado pela humanidade; e de tal forma preocupante que levou o filósofo Walter Benjamin, na década de 1930, a denunciar a instalação de uma espécie de barbárie dos tempos contemporâneos, advinda da miséria cultural provocada pelo desprezo às

memórias e experiências individuais. O fato de as histórias humanas (memórias, relatos, experiências, testemunhos) não encontrarem meios de circulação no todo social, submete as novas gerações ao abandono, à própria sorte, por se encontrarem privadas de referências ‘sensíveis’, sem contato com experiências que as ajudem a conhecer e a inserir-se no mundo” (SANTOS; MUCHERONI, 2019).

A perda da identidade cultural de um povo passa pelo esquecimento das falas e saberes de seus guias, de seus contadores de história, de seus griôs. Assim, se busca nessa pesquisa registrar as formas como rezadores e benzedoras apreendem seus saberes de tradição e como esses guardiões da memória de suas comunidades constroem esse legado.

2.2 Uma volta ao passado: Revendo o legado de benzedoras e benzedores

A busca pelo bom estado de saúde ocorreu desde os primórdios da humanidade. Entretanto, devido as diversas limitações existentes na época, foi necessário descobrir meios para atingir não só o bem-estar físico, mas também o psíquico e até mesmo o social (KARLBERG, 2012). Segundo essa autora, uma das alternativas utilizadas pelos povos, em suas comunidades, foram as práticas ritualísticas através de líderes religiosos. Entre esses destacam-se as rezadeiras presentes tanto em comunidades urbanas, quanto nas rurais, especialmente nessas últimas.

Esses costumes de rezas e benzeduras atravessaram séculos e ainda estão presentes na atualidade, sendo utilizados por muitas pessoas e repassadas como um legado ancestral. A presença da cultura europeia, africana e indígena devido ao processo de colonização do Brasil teve uma influência significativa nessa prática ritualística de cura através da fé. Nesse contexto, de acordo com Caldas-Oliveira *et al.*, (2009):

“Essa mistura étnica responde por um rico legado de práticas ritualísticas, utilizadas ao longo da história, assim como se presencia, na figura do rezador, rezadeira, benzedor ou benzedora, usos e costumes tradicionais que a comunidade abraça como sagrado e simbólico para o melhor viver. E, dessa forma, é por meio dos sentidos, dos símbolos que cercam os atores sociais que eles constroem um mundo de magia, crenças, rezas, superstições, no intuito de criar terapêuticas capazes de amenizar os males da vida, as doenças, na procura de um mundo melhor para viver com saúde” (CALDAS-OLIVEIRA *et al.*, 2009).

No Brasil colônia, a presença de profissionais da área médica era praticamente inexistente, pois naquele tempo as escolas de formação e instituições superiores ainda estavam sendo construídas. Para Sousa (2014) fatores como “a decorrência de baixos salários, da precariedade das condições de vida na colônia, o medo da medicina oficial e a ausência de profissionais, fizeram com que a grande maioria da população ficasse dependente dos serviços de ‘bruxos’, curandeiros e rezadores”.

Vinculado a esse fato, a sociedade brasileira apresentava uma resistência a medicina e a assistência médica porque eles não tinham acesso a grande parte da população, visto que os poucos profissionais da saúde existentes não conseguiam alcançar as regiões mais longínquas do país durante essa época, enquanto os rezadores conseguiam. Além disso, para o homem colonial, a existência do mal estava associado diretamente a presença de demônios. Portanto, havia uma percepção predominante na sociedade brasileira de que o aparecimento de doenças estava relacionado com influências malignas. Assim sendo:

“Pensava-se que um simples olhar poderia reproduzir danos às pessoas, principalmente em crianças e animais domésticos, o método que se encontrou para fugir disso foi o uso novamente de plantas como a arruda, que se pensava poder ela remediar os males e afastar o ‘mal olhado’, se usando as mulheres nas roupas, no cabelo, na orelha ou no nariz e as mulheres brancas nos seios, sendo assim usadas como amuletos, talismãs para fugir dos sortilégios” (SOUSA, 2014).

Práticas do catolicismo popular se desenvolveram de maneira muito significativa devido ao ato de rezas e de benzeduras realizados pelos benzedores(as), sendo também chamados de rezadores(as). Tais práticas possibilitaram a medicina popular utilizar conhecimentos terapêuticos praticados por esses indivíduos. Os conhecimentos adquiridos sobre as plantas, chás, banhos, simpatias, massagens, entre outros, foram fundamentais para a criação de medicamentos caseiros e industrializados (KARLBERG, 2012). Contudo, é importante evidenciar que:

“As práticas de cura das mulheres benzedoras não são um saber especializado no mesmo sentido do saber dos médicos [...] a prática das benzedoras faz parte de uma vivência que é social, religiosa, econômica e moral ao mesmo tempo. O exercício da benzedura envolve todos os aspectos da vida da comunidade. As benzedoras são pessoas conhecidas das famílias da comunidade, donas de casa, mães e avós, vizinhas, que, para retribuir o dom recebido de Deus, rezam e curam” (AGUIAR, 2000, p. 50 *apud* KARLBERG, 2012, p. 129).

Entretanto, inicialmente essas práticas de cura não foram bem aceitas pela Igreja Católica, porque para eles essas práticas estavam associadas a bruxaria (LUZ *et al.*, 2020; SOUSA, 2014), ao demônio e ao charlatanismo (SOUSA, *op cit.*). Diante disso, os curandeiros da época foram altamente perseguidos. Atualmente, essa visão negativa que a igreja tinha foi alterada, pois essa prática de cura passou a ser vista como um ato abençoado por Deus (LUZ *et al.*, 2020). Portanto, conforme os escritos de Sousa (2014) *apud* Luz *et al.*; (2020):

“O vínculo construído com a Igreja Católica, permitiu que alguns praticantes de benzeduras caracterizassem esse saber não como algo que foi adquirido historicamente, instruído por meio de outras pessoas, mas sim um dom privilegiado que lhes foi dado por Deus. Por conseguinte, o termo curandeirismo foi substituído por benzedura e as práticas dos rezadores como um fenômeno respaldado por santos milagreiros” (SOUSA, 2013 *apud* LUZ *et al.*, 2020).

Assim sendo, rezadores e benzedoras são pessoas muito respeitadas em suas comunidades, trazem com eles a sabedoria, a memória viva das narrativas culturais de seu povo, especialmente no que diz respeito aos ritos de cura em seus universos do sagrado e do simbólico.

3 METODOLOGIA

3.1 Área de Estudo

Com uma área de 56. 469, 744 Km², o estado da Paraíba possui 223 municípios distribuídos em quatro mesorregiões e 23 microrregiões, marcadas por variações de relevo, clima e fitogeografias distintas (IBGE/ESTADOS, 2015; SUDEMA, 2004).

A formação étnica do povo paraibano é fruto de uma forte miscigenação entre o branco europeu, indígenas locais e negros africanos, em conformidade com o observa Oliveira e Trovão (2009). A Paraíba ocupa o 3º lugar na classificação dos estados com maior porcentagem de católicos, com 80,25%, expressão religiosa mais difundida no estado (NERI, 2011).

3.2 População

A pesquisa envolveu homens e mulheres que exercem o ofício de rezadores, que vivem em zonas urbanas ou rurais dos municípios analisados: Campina Grande, localizado no Agreste paraibano, região de transição entre o litoral e o sertão, Areia, Esperança e Remígio, municípios também localizados no Agreste, Santa Luzia, São Mamede, da mesorregião da Borborema e São Boa Ventura do Sertão paraibano. A escolha dessas áreas se deu pelo fato das mesmas se constituírem em espaços geográficos representativos das mesorregiões do estado, em que se constata expressões culturais constantes de rezadores em seus ambientes, com populações tradicionais.

3.3 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa é de cunho qualitativo evidenciando valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993), ainda se apresenta como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal, por propiciar maior familiaridade com o problema, descrever características de um determinado grupo da população ou fenômeno e permitir associações entre variáveis em determinado recorte temporal para os atores sociais pesquisados (GIL, 2008).

A busca pelo contato dos especialistas, designados nesse estudo por atores sociais, deu-se primeiramente pelas associações de bairro e clubes de mães, organizações das comunidades locais, que indicaram rezadeiras, benzedores da comunidade. Inicialmente, utilizou-se a técnica de entrevistas livres e abertas favorecendo o diálogo espontâneo entre entrevistador e entrevistados (MOURÃO; NORDI, 2006; ALBUQUERQUE; SILVA, 2004). Até o momento foram entrevistados 25 benzedores(as), sendo 20 mulheres e 5 homens. A escolha dos atores sociais que compõem o recorte amostral da pesquisa tem como principal critério de inclusão o tempo que os rezadores exercem seu ofício nas comunidades em que residem, sendo considerados aqueles com vinte anos ou mais nas práticas de rezas e benzeduras, além da maior influência que os mesmos apresentaram em suas comunidades.

As falas iniciais reportam um pouco para a história de vida desses benzedores e benzedoras, vivendo em zona rural ou urbana de seus municípios e exercendo entre outras funções, a lida com a terra, auxiliando seus companheiros ou companheiras no plantio de subsistência.

Em um segundo momento, procedeu-se a aplicação de questionários semiestruturados com questões abertas, possibilitando ao entrevistador maior liberdade na condução da pesquisa (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2010); os questionários apresentavam como aspectos relevantes a serem levantados: identificação do entrevistado (nome, idade, naturalidade), tempo de prática do ofício de rezador(a) /benzedor(a) e plantas usadas nas rezas e as formas como se deram as transmissões de seus aprendizados.

Embora em suas entrevistas os atores sociais tenham revelado seus nomes, nessa pesquisa serão denominados por números. As entrevistas ora apresentadas representam o recorte temporal entre os anos de 2002 e 2017, ainda que a coleta de dados continue até os dias atuais. Este recorte temporal traz registros de falas revelados por esses benzedores que através de suas narrativas tornam-se guardiões dessa memória. Saberes e práticas das rezadeiras e rezadores foram registrados durante os diálogos com os mesmos. Destaca-se ainda que em

publicações anteriores as plantas utilizadas e os registros etnográficos, de parte desses atores sociais, já foram objetos de registros científicos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os especialistas, aqui chamados de atores sociais, que foram entrevistados são pessoas simples, que estudaram pouco, a maioria só com o primeiro grau incompleto. As mulheres são profissionais do lar, e os homens, agricultores, totalizando 25 informantes rezadores/benedores. Dos 25 entrevistados, 20 são mulheres (80%), e cinco são homens (20%), revelando uma forte representatividade do gênero feminino nestas práticas. Entre as mulheres, a idade variou de 42 anos (idade mínima) a 88 anos (idade máxima) e para os homens a variação de idade foi de 66 anos (idade mínima) a 90 anos (idade máxima), Quadro 1, revelando que esta prática e saber são de domínio dos mais velhos nas comunidades estudadas.

Quadro 1. Dados pessoais e formas de apreensão do saber de atores sociais entrevistados, guardiões de memória, rezadeiras e benzedores do estado da Paraíba (2002-2017).

Rezadeira/Benedor	Idade	Profissão/Município	Formas de Apreensão do Saber (Com quem aprendeu o ofício)
1	74	Do Lar/Areia	Pai
2	59	Do Lar/Remígio	Pai
3	63	Do Lar/Areia	Mãe
4	60	Do Lar/Areia	Mãe
5	69	Do Lar/Areia	Avó
6	86	Do Lar/Esperança	Outros
7	47	Do Lar/Esperança	Tio
8	74	Do Lar/Esperança	Mãe
9	88	Do Lar/Campina Grande	Amigo
10	81	Do Lar/Campina Grande	Mãe
11	56	Do Lar/Campina Grande	Sozinha
12	72	Do Lar/Campina Grande	Avô
13	54	Do Lar/Campina Grande	Pai
14	70	Do Lar/Campina Grande	Rezadeira
15	42	Do Lar/Campina Grande	Sozinha
16	80	Agricultura-Aposentada/Boa Ventura	Parteira/Rezadeira
17	72	Agricultura-Aposentada/Boa Ventura	Rezadeira
18	76	Agricultura-Aposentada/Boa Ventura	Rezadeira
19	60	Do Lar/Santa Luzia	Mãe
20	62	Do Lar/São Mamede	Avó
21	66	Agricultor-Aposentado/Esperança	Tia
22	85	Agricultor-Aposentado/Remígio	Tio
23	81	Agricultor-Aposentado/Remígio	Outros
24	90	Aposentado/Campina Grande	Tia
25	78	Aposentado/Campina Grande	Mãe

Fonte: Dados da pesquisa

No que diz respeito ao predomínio do gênero feminino revelado na pesquisa, Loyola, (1993) afirma que as mulheres que desenvolvem e praticam o ofício da benzedura são: “marcadas por sua religiosidade e prática de cura, de caráter mágico, místico, religioso”. É possível que as mulheres, que aqui representam a maioria, sejam percebidas em suas comunidades como mais sensíveis aos problemas e que fazem muito mais que rezar, representam muitas vezes a única alternativa que algumas pessoas têm de serem ouvidas em suas dores físicas e espirituais. No dizer de Cunha e Assunção (2017) compreender esse saber:

“[...] permite situar a cura e o ofício das benzedoras a partir da perspectiva destas como ‘agentes’ de fato do processo de cura, e não apenas como ‘a mão que segura o ramo’, como um passe simples ou a declamação de uma oração. As benzedoras não são apenas intermediárias para a cura. Ritualisticamente, durante o benzimento, envolvem sua própria energia e poesia em um complexo processo de cura vivenciado junto ao seu grupo social, o que envolve as memórias deste. A força mágica, ritualística e social é a da voz. Como tradutoras, nomeiam a doença e os males de sua comunidade, na medida em que dialogam o mundo das memórias e tradições com os aspectos da contemporaneidade, marcando sua resistência e sobrevivência em contradição com a aparente invisibilidade que as cercam” (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017).

Observa-se que com relação a faixa etária daqueles que exercem atividades de práticas de rezas e benzeduras, estas encontram-se associadas aos idosos nas comunidades estudadas, a idade avançada parece ser um aspecto importante nessas práticas, esse reconhecimento social dos idosos por membros de suas comunidades apontam para uma percepção comum de que os mais velhos guardam os saberes, as histórias, as memórias de seus povos e adquirem o respeito, confiança e sabedoria que os legitimam como verdadeiros guardiões dos saberes nas suas comunidades.

Todos os atores sociais aqui entrevistados receberam e transmitem seus conhecimentos por meio da oralidade. A tradição oral na transmissão de um legado é destacada nos estudos de Oliveira e Farias (2019), com estudantes da educação básica em Luanda, Angola, os autores afirmam que “*A voz que ressoa, conecta o passado ao presente trazendo aos ouvidos a vivência que carece ser perpetuada*”. O filósofo malinês Amadou Hampâté (2004), sobre a cultura tradicional africana, que se pauta na transmissão oral dos seus saberes diz que “*cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima*”. Desse modo, se compreende o quão relevante são os guardiões de memória das culturais locais, rezadores e benzedoras para além dos rituais de rezas e benzeduras e de suas práticas curativas, eles se revelam patrimônios imateriais de seu povo.

Os atores sociais entrevistados, em sua maioria, residem em pequenos sítios na zona rural de seus municípios ou são egressos da zona rural, daqueles que vivem na zona urbana apenas 3 nasceram no ambiente urbano. Perfil característico das benzedoras e rezadores, uma vez que, essas práticas caracterizam muito as comunidades rurais mais envolvidas com as tradições locais.

Dentre os familiares a mãe (24%), tio/tia (16%) e pai (12%), são aqueles que mais transmitem ao tempo em que cumprem o papel de legar os saberes dessa tradição cultural. Avô e avô respondem por 8% e 4% respectivamente. O aprendizado através de outras rezadeiras correspondeu a 16%, nesse estudo, 8% dos atores sociais entrevistados disseram aprender os ritos e rezas sozinhos ou por meio de outras pessoas e apenas um rezador afirmou que aprendeu suas práticas através de um amigo (4%).

Nesse estudo revela-se que os saberes da tradição são transmitidos através da oralidade e entre pessoas proximamente relacionadas aos rezadores e rezadoras, observa-se que os membros familiares, principalmente os indivíduos do gênero feminino, são os mais envolvidos

com a transmissão dos conhecimentos, eles são os tecedores do cotidiano cultural entre os povos, tecendo a memória de muitos saberes.

Essa ideia corrobora com os achados de Silveira e Albuquerque (2015), no qual afirmam que os rituais de rezas e benzeduras são em sua maioria regido por mulheres que aprenderam esse ofício, principalmente, através do legado familiar. De acordo com a obra *A Ciência da Benzedura* de Alberto M. Quintana (1999) as rezadeiras, em geral, são compostas por mulheres com idade avançada e é justamente esse fato que lhes confere não só a credibilidade no ofício da reza, mas também o reconhecimento social.

Ademais, as revelações apresentadas aqui corroboram aquelas encontradas em Santos (2007), quando de um estudo sobre rezadeiras, suas práticas terapêuticas e crenças, em Cruzeta - RN, o autor afirma ter ouvido de algumas rezadeiras que as rezas de cura só podem ser transmitidas entre pessoas de sexos opostos. Um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e uma rezadeira só poderia ensiná-las a um homem. Do contrário, o transmissor das rezas perde os poderes de curar para o receptor (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento desta pesquisa reconhecemos a importância do legado ancestral das rezadoras e benzedoras para a preservação dos saberes das tradições obtidos por esses povos. Os resultados revelados nesse trabalho corroboram com outros achados na literatura de que é no seio familiar que esses saberes se desenvolvem e constroem a identidade cultural dos rituais de rezas e benzeduras e de que é uma atividade realizada em sua grande maioria por mulheres de idade avançada. Contudo, os dados gerados através deste estudo enfatizam a necessidade da realização de novas pesquisas para aprofundar a compreensão desse universo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; SILVA, V. A. Técnicas para análise de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. & LUCENA, R. F. P. (Org). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife, PE, Brasil: PE, Brasil: Livro Rápido/NUPEEA. p. 63-87, 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L.V. F.C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010, p. 558.
- ALMEIDA, E. S.; MIRANDA, C. A. S. História oral, comunidade quilombola e preservação da saúde: Narrativas e rememoração. **Anais do X Encontro Regional de História Oral**, Salvador, 2015, p. 1-10.
- BÁ, A. H. Confrontações culturais. Entrevista concedida a Phillippe Decraene. **THOT**, n. 80, p. 3-12, 2004.
- CAIXETA, J. E. **Guardiães da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos**. 204 f. Tese...Programa de Pós-graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. 2006, p. 204.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª ed. São Paulo: Global, 2001.
- CHAUÍ, M. **Convite a filosofia**. São Paulo: ÁTICA, 1999, 567p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

CUNHA, L. A.; ASSUNÇÃO, L. C. Abençoada cura: poética da voz e saberes de benzedoras. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, n. 27, p. 189-227, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estados**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [Http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil](http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil). Acesso em: 20 de abril de 2021.

KARLBERG, L. G. L. Rezas, benzeduras, superstições em Sena Madureira, Acre. **Revista da Academia Brasileira de Filosofia**, p. 127-142, 2012. Disponível em: [Http://www.filosofia.com.br/arquivos](http://www.filosofia.com.br/arquivos). Acesso em 12 de abril de 2021.

LUZ, A. A. S.; GOMES, C. R. C.; ANDRADE, G. P.; VIEIRA, M. A. B.; DUQUE, A. N. F. A Benzedura como ofício tradicional no Semiárido Piauiense. **Semiárido Brasileiro Volume 5**, p. 20, 2020. Disponível em: [Https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA3_ID5007_01102019230236.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA3_ID5007_01102019230236.pdf). Acesso em 16 de abril de 2021.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma Abordagem Etnoecológica. **Interciência**, v. 31, p. 358-363, 2006.

NERI, M. C. (Coord.). **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: CPS/FGV, 2011. Disponível em: <https://cps.fgv.br/pesquisas/novo-mapa-das-religioes>. Acesso em 18 de abril de 2021.

OLIVEIRA, J. M.; FARIAS, K. L. Só quem sabe onde é Luanda saberá lhe dar valor: a tradição oral como herança ancestral. **Voluntas – Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, Ed. Especial, p. 1-13, 2019.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

OLIVEIRA, E. R. **Doença, Cura e Benzedura**: Um estudo do ofício de benzedora em Campinas. 1993. 220f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - IFCH/Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1983.

QUEIROZ, M. S. Curandeiros do mato, curandeiras da cidade e médicos: um estudo antropológico dos especialistas em tratamento de doenças na região de Iguape. **Ciência e Cultura**, v. 32, p. 31-47, 1980.

QUINTANA, A. M. **A Ciência da Benzedura**: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

REDE AÇÃO GRIÔ NACIONAL. **O que é Griô**. 2012.

SANCHI, P. **Fiéis e Cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SANTOS, E. L.; MUCHERONI, L. Memória e informação: A esfera de saberes dos mestres da tradição oral. **Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Fortaleza, 2019, p. 1-11.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC (USP)**, v. 8, p. 06-35, 2009.

SILVEIRA, D. D. S.; ALBUQUERQUE, M. B. B. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. **Revista COCAR**, v. 9, n. 18, p. 255 a 284, 2015.

SOUSA, R. F. B. **Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, benzedeiras e rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva histórica**, 2014. P. 1-15. Disponível em: [Http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos](http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos).

SUDEMA: **Atualização do diagnóstico florestal do estado da Paraíba**. João Pessoa. MMA/SUDEMA/SEBRAE. 2004. p. 242.

VANCINA, N. J. **A tradição oral e sua metodologia**. In: ZERBO, J. K. (Org.). *Histórica Geral da África I – Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO. 2010, p. 974.

AGRADECIMENTOS

Expresso todo o meu carinho e gratidão a todos que me ajudaram de forma direta e indireta a superar os momentos difíceis e colaboraram para a realização desse trabalho, e em particular:

A minha mãe, Maria de Jesus (*in memoriam*).

À professora e orientadora Érica Caldas pela dedicação e leituras sugeridas ao longo dessa orientação.

Às adversidades que apareceram na minha vida, pois elas me ensinaram a tolerância, o autocontrole, a perseverança e outras qualidades que, sem essas adversidades, eu jamais conheceria.

Aos rezadores e rezadoras que participaram desse estudo.

Aos participantes da banca examinadora da qualificação pelas sugestões e opiniões valiosas.

À Universidade Estadual da Paraíba quero deixar uma palavra de gratidão, por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionou dias de aprendizagem muitos enriquecedores.